

TÓ

REVISTA DE
PSICANÁLISE

PI
CA

N.12

ANO 12
NOVEMBRO.2023
MACEIÓ.AL
BRASIL

ISSN 1980-8992

“TÓPICA É UMA PALAVRA DERIVADA DO VOCÁBULO GREGO ‘TOPOV’, O QUAL SIGNIFICA LUGAR, MAS PODE TAMBÉM SIGNIFICAR A MATÉRIA DE UM DISCURSO. ..., NA RIQUEZA DE SUA SIGNIFICAÇÃO SEMÂNTICA, LEMBRA, POIS, QUE A NOVA REVISTA É O LUGAR DA PESQUISA PSICANALÍTICA”.

TRECHO DA APRESENTAÇÃO DA TÓPICA 1,
POR ZEFERINO ROCHA

PRESIDENTE

Lenilda Soares Estanislau
de Almeida

VICE-PRESIDENTE

Fernando Barbosa de Almeida

TESOUREIRA

Maria Edna de Melo Silva

SECRETÁRIA

Izaura Maria Wanderley Brito

**COORDENADORA DA COMISSÃO
DE FORMAÇÃO PSICANALÍTICA**

Nádima Carvalho Olímpio da Silva

**COORDENADOR DA COMISSÃO
DE COMUNICAÇÃO**

Esperidião Barbosa Neto

**COORDENADORA DA COMISSÃO
CIENTÍFICA**

Ana Lucila Barreiros B. de Araújo

**COMISSÃO CIENTÍFICA
E EDITORIAL**

Ana Lucila Barreiros B. de Araújo
Heliane de Almeida Lins Leitão
Nidyanne Porfirio da S. Pires

**PROJETO GRÁFICO/
DIAGRAMAÇÃO**

Estúdio Grão
estudiograo.com

FOTO DE CAPA

Michel Rios



ISSN 1980-8992

TÓPICA é uma publicação bienal do Grupo
Psicanalítico de Alagoas (GPAL).

R. Dr. Ciridião Durval, 47 - Parque Gonçalves Lêdo, Farol

CEP: 57021-340 - Maceió-AL

82 3221.1404

www.gpal.com.br

gpalmaceio@hotmail.com

Instagram: [gpalmaceio](https://www.instagram.com/gpalmaceio)

QUANDO SOMOS ANALISTAS? UMA REFLEXÃO À LUZ DE FERENCZI¹

STELLA MARIS S. MOTA

Psicóloga Clínica (CESMAC), Especialista em Psicologia Social (UFAL),
Mestra em Literatura Brasileira (UFAL), Membro do GPAL.

RESUMO

No líquido cenário da vida contemporânea, as relações sociais têm revelado os sofrimentos mais perturbadores propiciados pela condição do individualismo. Como defesa, se enaltece a facilidade de rompimento com os vínculos afetivos, tornando o desengajamento das relações como algo efêmero. No entanto, isso não tem sido suficiente para reduzir os riscos de sofrimento, apenas os têm remetido para novas expressões de adoecimento. Nesse contexto, a psicanálise é provocada a rever a sua prática na medida em que a subjetividade é afetada pelas exigências num patamar além do suportável. Buscamos nes-

ta reflexão entender como a psicanálise poderá se fazer continente para acessar os diferentes ciframentos desse sofrimento psíquico? Na escrita de Ferenczi encontramos os fundamentos técnicos, metodológicos e éticos para repensar a posição do analista a partir da sua disponibilidade psíquica, da sua empatia e da sua permeabilidade à escuta.

Palavras chaves: trauma; ressonâncias; plasticidade.

¹ Trabalho apresentado na 13ª Jornada de Psicanálise do GPAL, intitulada “Escuta Psicanalítica e as Vicissitudes do Mal-estar Contemporâneo”.

RÉSUMÉ

Dans la vie contemporaine les relations sociales ont révélé les souffrances les plus inquiétantes que la condition de l'individualisme a construites. En guise de défense, la facilité à rompre les liens affectifs est louée, faisant du désengagement des relations quelque chose d'éphémère. Cependant, cela n'a pas suffi à réduire les risques de souffrance, cela n'a fait que les redistribuer dans de nouvelles expressions de la maladie. Dans ce contexte, la psychanalyse est amenée à revoir sa pratique dans la mesure où la subjectivité est affectée par des exigences qui dépassent le supportable. Comme la psychanalyse peut-elle devenir un continent pour accéder aux différents chiffrés de cette souffrance psychique? On trouve chez Ferenczi les fondements techniques, méthodologiques et éthiques pour repenser la position de l'analyste à partir de sa disponibilité psychique, de son empathie et de sa perméabilité à l'écoute.

Mots-clés: traumatisme; résonance; pasticité.

INTRODUÇÃO

As organizações sociais contemporâneas têm promovido situações de exacerbação do narcisismo e, conseqüentemente, de sofrimento psíquico, os quais se expressam distintamente da forma como se apresentavam em décadas anteriores. Surge, assim, para a psicanálise, o desafio de fazer o deciframento desse mal-estar psíquico e ampliar as formas de escuta.

Já de início, se faz necessário dizer que não se trata, nesta reflexão, de refutar os pilares da psicanálise freudiana, mas de, a partir delas, encontrar meios empáticos que se aproximem e respondam melhor às demandas que nos são apresentadas.

A sociedade contemporânea se caracteriza pela rapidez e imprevisibilidade, pela fragilidade dos afetos e a facilidade com que se descarta os vínculos, tornando-a, no dizer de Bauman (2004), uma sociedade líquida e ambígua.

Contudo, a estabilidade emocional continua sendo uma necessidade dos humanos, pois como seres sociais que somos, buscamos, no espelhamento do olhar do outro, nos reconhecermos. Assim, nesse ínterim, entre a necessidade de relacionamento e as exigências sociais, surgem as angústias, os medos de não suportar os encargos e as tensões que podem advir desse encontro e cercear a liberdade que é imprescindível à existência. Como saída, se enaltece a facilidade de rompimento dos vín-

culos, o descompromisso nas relações. Passa-se a viver como uma ilha entre tantas, onde se pode mirar outras ilhas e validá-las pelas aparências, mas não se consegue construir pontes para efetivos encontros e consequentes reconhecimentos.

No entanto, isso não reduz os riscos de sofrimento, apenas os coloca em novas formas de escape. As recorrentes queixas na clínica contemporânea são as angústias da solidão, a ausência do desejo, a inabilidade para lidar com os limites, a desistência do viver, as depressões, as dificuldades narcísicas de interação social e seus desdobramentos psicossomáticos.

Assim, nesse líquido mundo contemporâneo, somos provocados a rever a prática psicanalítica na medida em que a subjetividade é, constantemente, afetada pelas exigências para além do suportável. Nessa perspectiva, buscando compreender o emaranhado universo das demandas subjetivas e das exigências do individualismo, o imperativo do “sucesso”, encontramos na obra de Ferenczi (2011) os fundamentos técnicos, metodológicos e éticos que nos ajudam a acessar e elucidar o sofrimento psíquico e suas formas de manifestação, inclusive psicossomática.

A PLASTICIDADE TÉCNICA

Começamos, então, a pensar sobre a constituição da experiência traumática e o fun-

cionamento da estrutura neurótica, considerando o conceito de transferência, introjeção e o lugar do analista no processo psicanalítico.

No início da vida, o recém-nascido passa, repentinamente, de um ambiente onde todas as suas necessidades eram satisfeitas, para um ambiente onde ele terá que se esforçar para ser suprido e manter-se vivo. Nessa fase, não há uma distinção entre o “eu” e o ambiente e o bebê não consegue perceber que a satisfação de suas necessidades vem através da ação de outrem. Há, nesse ponto do desenvolvimento, uma sensação de onipotência, uma ilusão de que uma força mágica é capaz de operar a realização dos desejos. Essa ilusão de onipotência vai ser confirmada com os gestos da criança que serão associados à satisfação e vão se tornando, cada vez mais sofisticados, na medida em que acompanham o seu desenvolvimento motor.

Nesse momento, tem-se o início de uma nova associação entre o gesto que exprime o desejo e o meio ambiente que o realiza, precipitando a capacidade de simbolização e com a continuidade, o simbolismo gestual será substituído pelo simbolismo verbal. No dizer de Ferenczi

“...a mão estendida é, com frequência, recolhida vazia, o objeto cobiçado não acompanha o gesto mágico. E mesmo uma potência adversa e invencível pode opor-se pela força a esse gesto e coagir a mão a retomar sua posição anterior. Se até então o ser “onipotente” podia sentir-se uno com o universo que lhe obedecia e seguia os seus sinais, uma discordância dolorosa vai produzir-se pouco a pouco no seio de sua vivência.” (Ferenczi, 1913/2011, p. 53).

Desse modo, o período que a criança entende suas experiências como sendo parte do seu ego, Ferenczi denomina fase de introjeção; o período que ocorre a percepção de que algo existe fora do ego, o que impede a total satisfação da criança e a leva a endereçar o desejo para o mundo exterior, denomina fase da projeção. Nessa sequência, se inicia a distinção do conteúdo subjetivo do conteúdo objetivo; a distinção do “eu” e do “não eu”. É o início do estágio da realidade, apoiado na fase de ampliação do ego.

Assim, vinculando o estágio de onipotência com a introjeção e o estágio de realidade com a projeção, Ferenczi (2011) ressalta que o vínculo entre o “eu” e o “não-eu” não se desfaz, subitamente. Assim sendo, quando os “nãos” são apresentados e frustram a criança, ela aprende que o meio ambiente pode não satisfazê-

-la e quando o faz, é de forma parcial. Resta à criança uma única saída: aprender a usar os seus recursos egóicos para continuar investindo no mundo externo na esperança de ser atendida.

A partir daí, segue-se o período em que boa parte do que lhe é apresentado é animado e a criança que vive as fases de desenvolvimento psicosssexual com a correspondente prevalência das zonas erógenas, faz a correspondência entre os seus órgãos e o funcionamento do mundo.

Nessa direção, seguimos considerando o entendimento de Ferenczi (1913/2011, p.54), quando ele afirma que “... assim se estabelecem essas relações profundas, persistentes a vida inteira, entre corpo humano e o mundo dos afetos, a que chamamos de relações simbólicas.” Essa observação perspicaz nos traz subsídios para o entendimento dos fenômenos psicossomáticos, evidenciando a correlação entre o corpo que representa o mundo e o mundo que se forma representação do corpo, através das vivências no desenvolvimento da criança.

Nesse período, o princípio do prazer regendo, simultaneamente, a distinção do “eu” e “não-eu”, propi-

cia o surgimento do princípio da realidade, das relações objetais e do narcisismo secundário, através das interdições colocadas no processo de educação. Assim, na apreensão do mundo, a onipotência vai dando lugar a adaptação às interdições culturais, através das quais se torna possível a realização e a negação do desejo, constituindo uma dinâmica organizadora do aparelho psíquico.

Portanto, com esse modelo em que as introjeções respaldam as relações objetais e se vinculam ao sentido de realidade, Ferenczi vai se opor ao modelo freudiano de recalca-mento como sendo uma tendência evolutiva espontânea. Ele vai demonstrar que é a frustração e a adaptação o que pode efetivar o recalca-mento e trazer para o modelo relacional a relevância dos aspectos do mundo externo, do meio ambiente, como sendo os determinantes do desenvolvimento satisfatório da criança.

Por consequência, a atenção de Ferenczi ao processo analítico vai se voltar, nesse momento, para as expressões não verbais, como, por exemplo, o ritmo da respiração, a entonação da voz, os sintomas transitórios. Esses aspectos estão vinculados com as experiências relacionais primitivas e se apresentam na relação transferencial em análise, para os quais o analista deve estar bem atento no manejo clínico porque pode suscitar parte de um conteúdo inconsciente.

Na estrutura neurótica, os afetos que circulam livremente estão desinvestidos das representações e, por isso, se tornam insuportáveis para o ego, produzindo angústia e, não raro, os fenômenos psicossomáticos. Esse estado de angústia vai provocar um esforço na direção de um apaziguamento, numa tentativa de manter o conteúdo recalcado no inconsciente e proporcionar suficiente equilíbrio psíquico. É no âmbito desse propósito que parte dessa energia excedente, não absorvida pelo trabalho egoico, é transferida para os objetos externos ou para o próprio corpo de forma, caracteristicamente, exacerbada, constituindo a formação do sintoma. Nesse superinvestimento transferencial, o ego projeta todo o amor e todo o ódio e, posteriormente, os introjeta, constituindo um mecanismo dinâmico de deslocamento, como defesa.

Há nessa dinâmica uma tentativa de dilatação do ego para, através da operação da introjeção e da transferência, converter o amor autoerótico em amor objetal. Essa transformação se tornará a matriz das transferências na vida adulta.

Dessa forma, sabendo Ferenczi que a transferência envolve a introjeção

dos objetos externos ao ego, ele vem ressaltar que, no processo analítico, a transferência vai depender da introjeção do analista. Isso é relevante porque coloca o analista na posição de dinamizador dos afetos do analisando, retirando-o do campo da imparcialidade. O analista, rompendo a barreira da imparcialidade, torna-se o provocador das associações que suscitam as introjeções primitivas.

Esse *modus operandi* requer do analista muito mais do que a postura de abstinência e o uso da interpretação. É preciso que o analista traga, além do seu conhecimento teórico, a sua disponibilidade psíquica e a capacidade de empatia aliada à responsabilidade ética. Somente assim, será possível o desdobramento do processo analítico com a requerida plasticidade técnica que as relações sociais contemporâneas demandam, sem que se perca a objetividade do trabalho, pois o analista precisa saber para onde a análise aponta.

A plasticidade técnica abre a perspectiva sensível às peculiaridades do sofrimento psíquico do analisando à percepção e manejo das reações do analista, ou seja, propicia um manejo eficaz da transferência e da contratransferência no processo analítico.

Nesse ponto, cabe ressaltar a importância da análise do analista como um fator imprescindível para a sustentação da empatia. Ferenczi (2011) endossa as observações freudianas, lembrando que é a partir do próprio psiquismo que o analista poderá ser capaz de

escutar as angústias de morte; os silêncios significativos; as repetições traumáticas e tudo o que se engendra e faz ressonância no campo do recalçado.

A clínica de Ferenczi era, predominantemente, com pacientes psicóticos, psicossomáticos e estruturas limítrofes, fato que se tornou um estímulo para repensar a técnica clássica no sentido de aproximá-la mais das necessidades dos seus pacientes. Enquanto rejeitava a ideia corrente de que havia casos não analisáveis, elaborou a técnica ativa como uma forma de intervenção para os processos mais resistentes a análise.

A técnica ativa toma por base a ideia freudiana de que o aumento da frustração suscita o recalçado. Todavia, é um recurso provisório sobre as manifestações corporais do paciente e se utiliza das associações e memórias, objetivando aumentar o estado de frustração para provocar o retorno de um conteúdo inconsciente, dando continuidade ao curso da análise. O que se efetiva com a técnica ativa, segundo Mezan (2014 apud Medeiros, 2015, p.291) é o “desvincular a libido das suas formas cristalizadas de

satisfação e convocá-la para as finalidades do tratamento”.

É imprescindível lembrar que a técnica ativa não substitui o clássico modelo da associação livre, da atenção flutuante e da interpretação. Mas, acrescenta maneiras ativas para desfazer as resistências, através das proibições ou incentivos a determinados comportamentos sintomáticos do paciente. Com isso, espera-se que a libido volte a circular e fique disponível para ser investida na transferência em análise. Assim, o objetivo da técnica ativa é promover uma tal distribuição de energia libidinal que seja suficiente para fazer emergir o material recalcado, revelando tendências latentes que vão se expressar na repetição, por meio da provocação do analista sobre o paciente. Contudo, é recomendável que a técnica ativa só seja utilizada após um certo tempo em análise, quando a transferência já esteja estabelecida espontaneamente.

Freud (1926/1996) confere uma relevante importância à rememoração e, ao mesmo tempo, considera a repetição um sintoma de resistência a ser desfeito, ao considerar o trauma como um excesso de energia pulsional, a qual carece ligar-se a um determinado conteúdo para ser representado e se fazer inscrição psíquica.

Ferenczi (2011), no entanto, vai tomar a compulsão à repetição como algo, completamente, inevitável e que porta fragmentos de rememoração, como verdadeiro material in-

consciente. Traz, assim, o entendimento de que há uma primazia da repetição sobre a rememoração; uma valorização da experiência emocional como meio de transformação psíquica, requerendo maior habilidade do analista no manejo clínico, para se apoiar menos na interpretação do que no aspecto formal da regressão. É na repetição que os afetos e os fragmentos de memória vão se expressar, ganhando significação para que a interpretação subsequente tenha efeito.

A técnica analítica, transpondo a barreira da imparcialidade do analista, se torna mais elástica e favorece a expressão afetiva do analisando. Ressalta-se, ainda, que Ferenczi não coloca a resistência do paciente como o principal fator responsável pelas dificuldades da análise, mas assinala que a contratransferência, sim, pode ser o empecilho para o desenvolvimento do processo e, com isso, evidencia, mais uma vez, a necessidade da análise do analista.

Por fim, entendemos que há de se retomar, com a escrita de Ferenczi, a importância da personalidade do analista, possibilitando-lhe tanto o lugar de dinamizador dos afetos, livre do engessamento da imparcia-

lidade; como a responsabilidade de assumir o lugar de provocador das introjeções primitivas, o lugar da empatia e da disponibilidade psíquica através do uso da sua contratransferência em prol do processo analítico.

É na plasticidade da técnica que se abre a possibilidade de maior aproximação com o sofrimento psíquico e seus ciframentos, tornando a psicanálise continente para o ilhamento do individualismo contemporâneo. Doravante, se faz necessário

“Sustentar essa disposição peculiar de mente de esperar o inesperado, deixar vir o novo, deixar-se afetar pelas comunicações inconscientes do paciente, deixar-se submeter ao adoecimento da quimera (de que somos parte) nas transferências e contratransferências neuróticas, narcísicas e psicóticas.” (Figueiredo, 2019 apud Medeiros, 2015, p. 175).

Necessário se faz, mantermos a disposição psíquica para refletirmos sobre as necessidades peculiares à nossa época para que não nos prendamos na ortodoxia dos conceitos, nas ideias segregadoras e, conseqüentemente, na ilusão da onipotência que poderia fazer da psicanálise uma prática fútil.

Por fim, voltando à nossa questão inicial “quando somos analistas?” percebemos que é, fundamentalmente, a capacidade que vamos desenvolver para sentirmos com o analisando as ressonâncias do seu sofrimento e a

habilidade de tolerância para com as suas adversidades e incertezas, o que vai nos possibilitar um lugar de plasticidade na práxis analítica.

REFERÊNCIAS

Almeida, Alexandre Patrício de & Neto, Alfredo Naffah (2021). Sándor Ferenczi e Melaine Klein: a análise do analista como alicerce da formação. *Trivium: estudos interdisciplinares*, 13(2), pp.92-102.

Bauman, Zygmunt (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Ferenczi, Sándor (2011). *Transferência e introjeção*. In *Obras completas de Sándor Ferenczi*, vol. I. São Paulo: WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1912).

Ferenczi, Sándor (2011). *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios*. In *Obras completas de Sándor Ferenczi*, vol. II. São Paulo: WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1913).

Ferenczi, Sándor (2011). Elasticidade da técnica psicanalítica. In *Obras completas de Sándor Ferenczi*, vol. IV. São Paulo: WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928).

Freud, Sigmund (1996). Inibições, sintomas e ansiedade. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. XX, pp. 81-152. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926).

Medeiros, Eduardo C. (2015). *Sándor Ferenczi: entre os limites da clínica e as experimentações técnicas*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Fontes : Família Gotham e Leitura News
Maceió, novembro de 2023
Publicado originalmente em novembro
de 2023 em www.gpal.com.br



